

Colégio Clássicos Filosofia/Literatura

Do Amor

Stendhal



ISBN 85-336-1020-3



9 788533 610200

Martins Fontes

CAPÍTULO I
Do amor

Procuro ter uma idéia clara da paixão cujos desenvolvimentos sinceros têm todos um caráter de beleza.

Existem quatro amores diferentes:

1º O amor-paixão, o da religiosa portuguesa, o de Heloísa por Abelardo, o do capitão de Vésel, do gendarme de Cento¹.

2º O amor-gosto, o que reinava em Paris por volta de 1760 e que encontramos nas memórias e nos romances da época, em Crébillon, Lauzun, Duclos, Marmontel, Chamfort, a sra. d'Épinay, etc., etc.

É um quadro em que tudo, até as sombras, deve ser cor-de-rosa, onde nada de desagradável deve entrar sob nenhum pretexto e sob pena de pecar contra os costumes, o bom-tom, a delicadeza, etc. Um homem de bom nascimento sabe de antemão todos os procedimentos que deve ter e encontrar nas diversas fases desse amor; nada tendo de paixão ou de imprevisto, não raro ele tem mais delicadeza do que o amor verdadeiro, pois tem sempre muito espírito; é uma fria

.....
1. Os amigos do sr. Beyle perguntaram-lhe muitas vezes quem eram esse capitão e esse gendarme; ele respondia que se esquecera de sua história. P. M.

e linda miniatura comparada a um quadro de Carraches, e, enquanto o amor-paixão arrebatava-nos contra todos os nossos interesses, o amor-gosto sabe sempre se adaptar a eles. É verdade que, se tiramos a vaidade desse pobre amor, resta bem pouca coisa; uma vez privado de vaidade, é um convalescente debilitado que mal pode arrastar-se.

3º O amor físico.

Na caça, encontrar uma bela e viçosa camponesa que fuge para o bosque. Todos conhecem o amor baseado nesse gênero de prazer; por mais seco e infeliz que seja o caráter, começa-se por aí aos dezesseis anos.

4º O amor de vaidade.

A imensa maioria dos homens, sobretudo na França, deseja e tem uma mulher da moda, assim como se tem um belo cavalo, como algo necessário ao luxo de um rapaz. A vaidade mais ou menos acalentada, mais ou menos excitada, faz nascerem arrebatamentos. Às vezes há o amor físico, e mesmo assim nem sempre; muitas vezes não há nem mesmo o prazer físico. Uma duquesa nunca tem mais do que trinta anos para um burguês, dizia a duquesa de Chaulnes, e os freqüentadores da corte daquele homem justo, o rei Luís de Holanda, ainda se lembram divertidos de uma bela mulher de Haia que não conseguia deixar de achar encantador um homem que fosse duque ou príncipe. Mas, fiel ao princípio monárquico, quando um príncipe chegava à corte, o duque era dispensado: ela era como a condecoração do corpo diplomático.

1. O caso mais feliz desta relação sem relevo é aquele em que o amor físico é aumentado pelo hábito. As recordações a fazem então assemelhar-se um pouco ao amor; há o amor-próprio espicaçado e a tristeza quando somos deixados; e, assaltando-nos as idéias de romance, acreditamos estar apaixonados e melancólicos, pois a vaidade aspira a acreditar-se uma grande paixão. O certo é que, a qualquer gênero de amor que devamos os prazeres, uma vez que haja exalta-

ção da alma, eles são fortes e sua lembrança arrebatadora; e nessa paixão, ao contrário da maioria das outras, a lembrança do que perdemos sempre parece estar acima do que podemos esperar do futuro.

Às vezes, no amor de vaidade, o hábito ou o desespero de encontrar algo melhor produz uma espécie de amizade, a menos agradável de todas; ela se vangloria de sua *segurança*, etc.²

Sendo natural, o prazer físico é conhecido de todos, mas tem apenas um lugar secundário aos olhos das almas ternas e apaixonadas. Se fazem coisas ridículas nos salões, se muitas vezes as pessoas da sociedade, com suas intrigas, as tornam infelizes, em compensação conhecem prazeres inacessíveis para sempre aos corações que só palpitam pela vaidade ou pelo dinheiro.

Algumas mulheres virtuosas e ternas quase não têm idéia dos prazeres físicos; raramente se expuseram a eles, por assim dizer, e mesmo então os arroubos do amor-paixão quase as fizeram esquecer os prazeres do corpo.

Existem homens vítimas e instrumentos de um orgulho infernal, de um orgulho como o de Alfieri. Essas pessoas, que talvez sejam cruéis porque, como Nero, sempre têm medo, julgando todos os homens de acordo com seu próprio coração, essas pessoas, dizia eu, só conseguem alcançar o prazer físico quando ele é acompanhado pelo maior gozo de orgulho possível, isto é, quando fazem crueldades com a companhia de seus prazeres. Daí os horrores de *Justine*. Tais homens não conseguem por menos o sentimento da segurança.

De resto, em vez de distinguir quatro amores diferentes, podemos muito bem admitir oito ou dez matizes. Talvez haja entre os homens tantas maneiras de sentir quantas maneiras

2. Diálogo conhecido entre Pont de Veyle e a sra. du Deffant, junto à lareira.

de ver; mas essas diferenças de nomenclatura não alteram em nada os raciocínios que se seguem. Todos os amores que podemos ver neste mundo nascem, vivem e morrem, ou se elevam à imortalidade, segundo as mesmas leis³.

CAPÍTULO II

Do nascimento do amor

Eis o que se passa na alma:

1ª A admiração.

2ª Dizemo-nos: "Que prazer dar-lhe beijos, recebê-los! etc."

3ª A esperança.

Estudamos as perfeições; é neste momento que a mulher deveria entregar-se, para o maior prazer físico possível. Mesmo entre as mulheres mais reservadas, os olhos se acendem no momento da esperança; a paixão é tão forte e o prazer tão intenso, que se trai através de sinais impressionantes.

4ª O amor nasceu.

Amar é ter prazer em ver, tocar, sentir por todos os sentidos, e do modo mais próximo possível, um objeto amável e que nos ama.

5ª A primeira cristalização⁴ começa.

Sentimos prazer em ornar de mil perfeições uma mulher de cujo amor temos certeza; passamos em revista toda

.....
3. Esse livro é traduzido livremente de um manuscrito italiano do sr. Lisio Visconti, jovem da mais alta distinção que acaba de morrer em Volterra, sua pátria. No dia de sua morte imprevista, ele permitiu que o tradutor publicasse seu ensaio sobre o Amor, se descobrisse como reduzi-lo a uma forma honesta. (Castel Fiorentino, 10 de junho de 1819)

4. Para uma explicação mais ampla desta palavra, ver *O ramo de Salzburgo* (fragmento inédito), no final deste volume.

a nossa felicidade com uma complacência infinita. Isso se resume em exagerar uma propriedade soberba, que acaba de nos cair do céu, que não conhecemos e cuja posse nos é assegurada.

Deixem a cabeça de um amante funcionar durante vinte e quatro horas e eis o que encontrarão.

✱ Nas minas de sal de Salzburgo, joga-se nas profundezas abandonadas da mina um ramo de árvore desfolhado pelo inverno; dois ou três meses depois, ele é retirado coberto de cristalizações brilhantes: os menores raminhos, aqueles que não são maiores do que a pata de um chapim, são guarnecidos de uma infinidade de diamantes móveis e cintilantes; já não podemos reconhecer o ramo primitivo.

Chamo de cristalização a operação do espírito que extrai de tudo o que se apresenta a descoberta de que o objeto amado tem novas perfeições.

Um viajante fala do frescor dos bosques de laranjeiras em Gênova, à beira-mar, nos dias ardentes do verão: que prazer saborear com ela esse frescor!

Um de nossos amigos quebra o braço durante a caçada: que doçura receber os cuidados de uma mulher que amamos! Estar sempre com ela e vê-la sempre nos amando faria quase abençoarmos a dor; e, então, partimos do braço quebrado de nosso amigo para não mais duvidar da angélica bondade de nossa amante. Numa palavra, basta pensar numa perfeição para vê-la no que amamos.

Este fenômeno, que me permito chamar de *cristalização*, provém da natureza que nos ordena ter prazer e que nos envia sangue para o cérebro, do sentimento de que os prazeres aumentam com as perfeições do objeto amado, e da idéia: ela é minha. O selvagem não tem tempo para ir além do primeiro passo. Ele tem prazer, mas a atividade do seu cérebro é usada para seguir o gamo que foge para a floresta, com cuja carne ele deve restaurar as suas forças o mais depressa possível, sob pena de cair sob o machado de seu inimigo.

No outro extremo da civilização, não tenho dúvidas de que uma mulher terna chegue ao ponto de só encontrar prazer físico junto ao homem que ama⁵. É o contrário do selvagem. Mas, entre as nações civilizadas, a mulher tem tempo livre, ao passo que o selvagem tem tantas ocupações que é obrigado a tratar sua fêmea como um animal de carga. Se as fêmeas de muitos animais são mais felizes, é porque a subsistência dos machos é mais garantida.

Deixemos, porém, as florestas para voltar a Paris. Um homem apaixonado vê todas as perfeições naquilo que ama; no entanto, a atenção ainda pode ser distraída, pois a alma se sacia de tudo o que é uniforme, até mesmo da felicidade perfeita⁶.

Eis o que sobrevém para fixar a atenção:

6ª Nasce a dúvida.

Depois que dez ou doze olhares, ou qualquer outra série de ações que podem durar um só instante ou vários dias, deram e em seguida confirmaram as esperanças, o amante, refazendo-se de seu primeiro espanto, e tendo-se acostumado com sua felicidade, ou guiado pela teoria que, sempre baseada nos casos mais freqüentes, só se deve ocupar de mulheres fáceis, o amante, dizia eu, pede garantias mais positivas e quer levar adiante sua felicidade.

Opor-se-ão a ele indiferença⁷, frieza ou até mesmo cólera, se demonstrar excesso de confiança; na França, certo

5. Se essa particularidade não aparece no homem, é porque ele não tem de sacrificar o pudor por um instante.

6. O que significa que a mesma nuance de existência proporciona apenas um instante de felicidade perfeita; mas a maneira de ser de um homem apaixonado muda dez vezes por dia.

7. O que os romances do século XVII chamavam *coup de foudre*, que decide o destino do herói e de sua amante, é um movimento da alma que, tendo sido estragado por um número infinito de escrevinhadores, nem por isso deixa de existir na natureza; provém da impossibilidade dessa manobra defensiva. A mulher que ama encontra demasiada felicidade no sentimento que

matiz de ironia que parece dizer: "Você se acha mais avançado do que realmente é." Uma mulher comporta-se assim seja por acordar de um momento de embriaguez e obedecer ao pudor, seja por temer ser desrespeitada, seja simplesmente por prudência ou por faceirice.

O amante chega a duvidar da felicidade que se prometia; torna-se severo para com as razões de esperança que acreditou enxergar.

Quer voltar-se para os outros prazeres da vida, *mas encontra-os aniquilados*. Toma-o o temor de uma horrível desgraça e, com o temor, o profundo cuidado.

7ª Segunda cristalização.

Começa então a segunda cristalização, que produz como diamantes algumas confirmações à idéia:

Ela me ama.

A cada quarto de hora da noite que se segue ao nascimento das dúvidas, depois de um momento de horrível infelicidade, o amante pensa: Sim, ela me ama; e a cristalização volta a descobrir novos encantos; depois, a dúvida de olhos desvairados toma conta dele e o detém em sobresalto. Seu peito se esquece de respirar; ele pensa: Mas será que ela me ama? Em meio a essas alternativas dilacerantes e deliciosas, o pobre amante sente vivamente: Ela me daria prazeres que só ela no mundo pode me dar.

É a evidência dessa verdade, é este caminho bem à beira de um horrendo precipício, que toca com a outra mão a felicidade perfeita, que dá tanta superioridade à segunda cristalização sobre a primeira.

O amante erra sem cessar entre estas três idéias:

1ª Ela tem todas as perfeições;

2ª Ela me ama;

experimenta para poder conseguir fingir; aborrecida com a prudência, desdenha qualquer precaução e se entrega cegamente à felicidade de amar. A desconfiança torna o *coup de foudre* (paixão fulminante) impossível.

3º Como fazer para obter dela a maior prova de amor possível?

O momento mais dilacerante do amor ainda jovem é aquele em que ele se dá conta de que raciocinou mal e de que é preciso destruir todo um pedaço de cristalização.

Começa-se a duvidar da própria cristalização.

CAPÍTULO III Da esperança

Basta um grau muito pequeno de esperança para que nasça o amor.

A esperança pode vir a morrer depois de dois ou três dias, mas nem por isso o amor deixou de nascer.

Com um caráter decidido, temerário, impetuoso e uma imaginação desenvolvida pelas desgraças da vida.

O grau de esperança pode ser menor.

Ela pode cessar mais cedo, sem matar o amor.

Se o amante teve infelicidades, se tem o caráter terno e pensativo, se desespera das outras mulheres, se tem uma admiração viva por aquela de que se trata, nenhum prazer comum poderá distraí-lo da segunda cristalização. Ele preferirá sonhar com a possibilidade mais duvidosa de um dia agradar a ela a receber de uma mulher vulgar tudo o que ela pode lhe oferecer.

Seria preciso que nessa época, e não mais tarde, notem bem, a mulher que ele ama matasse a esperança de maneira atroz e o cumulasse dos desprezos públicos que não permitam que se torne a ver as pessoas.

O nascimento do amor admite prazos muito mais longos entre todas essas épocas.

Ele exige muito mais esperança, e uma esperança muito mais constante, entre as pessoas frias, fleumáticas, prudentes. O mesmo ocorre com as pessoas idosas.

4 O que garante a duração do amor é a segunda cristalização, durante a qual vemos a cada instante que se trata de ser amado ou morrer. Como, depois dessa convicção de todos os minutos, que se tornou hábito através de vários meses de amor, poder sequer suportar o pensamento de deixar de amar? Quanto mais forte é um caráter, menos está sujeito à inconstância.

Esta segunda cristalização falta quase que totalmente nos amores inspirados pelas mulheres que se entregam depressa demais.

A partir do momento em que as cristalizações se realizaram, sobretudo a segunda, que é de longe a mais forte, os olhos indiferentes já não reconhecem o ramo da árvore:

Pois, 1º ele está enfeitado de perfeições ou diamantes que eles não vêem;

2º Ele está enfeitado de perfeições que não são para eles.

A perfeição de certos encantos de que lhe fala um antigo amigo de sua amada e certo matiz de vivacidade percebido em seus olhos são um diamante da cristalização⁸ de Del Rosso. Essas idéias, percebidas numa festa, fazem-no sonhar toda uma noite.

.....
8. Chamel a este ensaio um livro de ideologia. Meu objetivo foi indicar que, embora se chamasse o *Amor*, não era um romance. Peço desculpa aos filósofos por ter empregado a palavra *ideologia*; minha intenção certamente não é usurpar um título que caberia de direito a um outro. Se a ideologia é uma descrição pormenorizada das idéias e de todas as partes que podem compô-las, o presente livro é uma descrição pormenorizada e minuciosa de todos os sentimentos que compõem a paixão chamada *amor*. Em seguida, extralo algumas conseqüências dessa descrição, por exemplo, a maneira de curar o amor. Não conheço a palavra para dizer, em grego, discurso sobre os sentimentos, como ideologia indica discurso sobre as idéias. Poderia ter feito algum de meus amigos eruditos inventar uma palavra, mas já estou bastante contrariado por ter tido de adotar o neologismo *cristalização*, e é bem possível que, se este ensaio encontrar leitores, eles não me desculpem essa palavra

Uma resposta imprevista que me faz ver com maior clareza uma alma terna, generosa, ardente ou, como diz o vulgo, *romanesca*⁹, e que coloca acima da felicidade dos reis o simples prazer de passear sozinha com o amante à meia-noite, num bosque afastado, também me faz sonhar toda uma noite¹⁰.

Ele dirá que minha amante é uma falsa pudica; eu direi que a dele é uma *devassa*.

.....
nova. Confesso que haveria talento literário em evitá-la; tentei, mas sem sucesso. Sem essa palavra, que a meu ver exprime o principal fenômeno dessa loucura chamada amor, *loucura* porém que proporciona ao homem os maiores prazeres que é dado aos seres de sua espécie experimentarem nesta terra, sem o emprego dessa palavra que seria preciso continuamente substituir por uma perífrase bastante longa, a descrição que forneço do que se passa na cabeça e no coração do homem apaixonado tomar-se-ia obscura, pesada, aborrecida, até para mim, que sou o autor; o que seria para o leitor?

Portanto, peço ao leitor que se sentir muito chocado com a palavra *cristalização* que fecho o livro. Não está nos meus planos, e sem dúvida felizmente para mim, ter muitos leitores. Muito me alegraria agradar a trinta ou quarenta pessoas de Paris que nunca verei, mas que amo loucamente, sem as conhecer. Por exemplo, alguma jovem sra. Roland, lendo às escondidas algum livro que esconde rapidamente, ao menor ruído, nas gavetas da banca do pai, que é gravador de caixas de relógio. Uma alma como a da sra. Roland me perdoará, espero, não apenas a palavra *cristalização*, empregada para exprimir esse ato de loucura que nos faz perceber todas as belezas, todos os tipos de perfeição na mulher que começamos a amar, mas ainda várias elipses demasiadamente ousadas. Basta pegar um lápis e escrever entre as linhas as cinco ou seis palavras que faltam.

9. Todas as suas ações tiveram de início, a meus olhos, aquele ar celestial que faz imediatamente de um homem um ser à parte, que o diferencia de todos os outros. Eu acreditava ler nos seus olhos aquela sede de uma felicidade mais sublime, aquela melancolia não confessada que aspira a algo melhor do que o que encontramos neste mundo e que, em todas as situações em que a fortuna e as revoluções podem colocar uma alma *romanesca*,

... Still prompts the celestial sight,

For which we wish to live or dare to die.

(Última lettera di Bianca a sua madre. Forlì, 1817)

10. É para *resumir* e poder retratar o interior das almas que o autor relata, usando a primeira pessoa do singular, várias sensações que lhe são estranhas; ele não dispunha de nada pessoal que merecesse ser citado.

CAPÍTULO IV

Numa alma perfeitamente indiferente – uma mocinha que mora num castelo isolado no fundo de um campo –, o menor espanto pode acarretar uma pequena admiração e, se aparecer a mais leve esperança, ela fará nascerem o amor e a cristalização.

Neste caso, o amor agrada primeiro como divertimento.

O espanto e a esperança são poderosamente secundados pela necessidade de amor e pela melancolia que se tem aos dezesseis anos. Sabe-se que a inquietação dessa idade é uma sede de amar, e é próprio da sede não ser excessivamente exigente quanto à natureza da bebida que o acaso lhe oferece.

Recapitemos as sete épocas do amor; elas são:

- 1ª A admiração;
- 2ª Que prazer, etc.;
- 3ª A esperança;
- 4ª Nasceu o amor;
- 5ª Primeira cristalização;
- 6ª Surge a dúvida;
- 7ª Segunda cristalização.

Pode passar-se um ano entre o nº 1 e o nº 2.

Um mês entre o nº 2 e o nº 3; se a esperança não se apressa em chegar, renunciamos imperceptivelmente ao nº 2 por trazer desgraça.

Um piscar de olhos entre o nº 3 e o nº 4.

Não há intervalo entre o nº 4 e o nº 5. Só poderiam ser separados pela intimidade.

Podem passar-se alguns dias, conforme o grau de impetuosidade e os hábitos de ousadia do caráter, entre os nºs 5 e 6, e não há intervalo entre o 6 e o 7.

CAPÍTULO V

O homem não tem a liberdade de deixar de fazer o que lhe dá mais prazer do que todas as outras ações possíveis¹¹.

O amor é como a febre, nasce e se apaga sem que a vontade tenha qualquer participação nisso. Eis uma das principais diferenças entre o amor-gosto e o amor-paixão, e só podemos congratular-nos pelas belas qualidades do que amamos como sendo por um acaso feliz.

Enfim, o amor é de todas as idades: veja a paixão da sra. du Deffant pelo pouco gracioso Horace Walpole*. Talvez ainda seja lembrado em Paris um exemplo mais recente e principalmente mais agradável**.

Só admito como prova das grandes paixões suas consequências que são ridículas: por exemplo, a timidez, prova do amor; não me refiro ao escrúpulo ao sair do colégio.

CAPÍTULO VI

O ramo de Salzburgo

Em amor, a cristalização não cessa quase nunca. Eis a sua história: enquanto não estamos bem com quem amamos, acontece a cristalização de *solução imaginária*; só pela imaginação temos certeza de que tal perfeição existe na mulher que amamos. Depois da intimidade, os temores sempre renascentes são tranquilizados por soluções mais

.....
11. A boa educação, com relação aos crimes, é provocar remorsos que, sendo previstos, põem um peso na balança.

* Sra. du Deffant tinha 68 anos e Horace Walpole, 50, quando ela, cega, apaixonou-se por ele sem o ter visto. (N. do T.)

** Não se sabe se Stendhal alude à sra. d'Houdetot, antiga amante de Rousseau, morta em 1813 nos braços do sr. de Sommariva, ou a Madame de Staël, que em 1811 se casara com o sr. de Rocca, muito mais jovem do que ela. (N. do T.)

reais. Assim, a felicidade nunca é uniforme, a não ser na fonte. Cada dia traz uma flor diferente.

Se a mulher amada cede à paixão que sente e comete o enorme erro de matar o temor com a vivacidade de seus arroubos¹², a cristalização cessa por um momento; mas, quando o amor perde parte da vivacidade, isto é, parte dos temores, adquire o encanto de um abandono completo, de uma confiança sem limites, um doce hábito vem atenuar todos os sofrimentos da vida e emprestar aos prazeres um outro gênero de interesse.

Se você é abandonado, a cristalização recomeça, e cada ato de admiração, a visão de cada felicidade que ela pode dar-lhe e em que você não pensava mais termina com esta reflexão dilacerante: "*Jamais tornarei a ver essa felicidade tão encantadora! E é por culpa minha que a estou perdendo!*" Pois se você procurar a felicidade em sensações de outro gênero seu coração se recusará a senti-las. Sua imaginação representa bem a posição física, ela o coloca sobre um cavalo veloz na caçada, nos bosques de Devonshire¹³, mas você vê, você sente, evidentemente, que ali não teria nenhum prazer. Eis o erro de óptica que produz o tiro.

O jogo também tem a sua cristalização, provocada pelo uso a ser dado à soma que você ganhará.

Os jogos da corte, que provocam tantas saudades nos nobres, sob o nome de legitimidade, só eram tão atraentes pela cristalização que provocavam. Não havia cortesão que não sonhasse com a fortuna rápida de um Luynes ou de um Lauzun, e não havia mulher amável que não tivesse em seu horizonte o ducado da sra. de Polignac. Nenhum governo razoável pode tornar a dar essa cristalização. Nada é tão anti-imaginação quanto o governo dos Estados Unidos da Amé-

.....
12. Diane de Poitiers, em *A princesa de Clèves*.

13. Pois, se você pudesse imaginar nisso uma felicidade, a cristalização teria concedido a sua amante o privilégio exclusivo de lhe dar essa felicidade.

rica. Vimos que seus vizinhos selvagens quase não conheciam a cristalização. Os romanos mal tinham idéia dela e só a encontravam através do amor físico.

O ódio tem a sua cristalização; desde que possamos ter esperanças de nos vingarmos, recomeçamos a odiar.

Se toda crença em que há algo de *absurdo* ou de *não-demonstrado* tende sempre a colocar à frente do partido as pessoas mais absurdas, trata-se de mais um dos efeitos da cristalização. Existem cristalizações até na matemática (vejam os newtonianos em 1740), nas cabeças que não conseguem a todo momento ter presentes todas as partes da demonstração daquilo em que acreditam.

Vejam como prova o destino dos grandes filósofos alemães, cuja imortalidade, tantas vezes proclamada, nunca pode ir além de trinta ou quarenta anos.

É por não conseguirmos perceber o *porquê* dos nossos sentimentos que o homem mais sábio é fanático por música.

Não podemos provar facilmente que temos razão contra tal contraditor.

CAPÍTULO VII

Das diferenças entre o nascimento do amor nos dois sexos

As mulheres se prendem pelos favores. Como dezoito a vinte avos de seus devaneios habituais são relacionados ao amor, depois da intimidade esses devaneios se agrupam em torno de um único objeto: elas se põem a justificar um acontecimento tão extraordinário, tão decisivo, tão contrário a todos os hábitos de pudor. Entre os homens, esse trabalho não existe; em seguida, a imaginação das mulheres detalha à vontade instantes tão deliciosos.

Como o amor faz duvidar das coisas mais demonstradas, a mulher que, antes da intimidade, tinha tanta certeza

Apêndice

Das cortes de amor

Houve corte de amor na França de 1150 a 1200. Isso é o que está provado. A existência das cortes de amor remonta, provavelmente, a uma época muito mais antiga.

Reunidas nas cortes de amor, as damas pronunciavam sentenças quer sobre questões de direito – por exemplo, pode existir amor entre pessoas casadas? –, quer sobre casos particulares que os amantes lhes submetiam²²⁹.

Tanto quanto posso imaginar a parte moral dessa jurisprudência, aquilo devia assemelhar-se ao que teria sido a corte dos marechais da França, estabelecida para tratar do *ponto de honra* por Luís XIV, se a opinião tivesse mantido aquela instituição.

André, capelão do rei de França, que escrevia por volta de 1170, cita as *cortes de amor*:

das damas de Gasconha,
de Ermengarda, viscondessa de Narbona (1144-1194),
da rainha Eleonora,
da condessa de Flandres,
da condessa de Champagne (1174).

André cita nove sentenças pronunciadas pela condessa de Champagne e duas pela condessa de Flandres.

.....
229. André, o capelão, Nostradamus, Raynouard, Crescimbeni, Aretino.

Jean de Nostradamus, em *Vida dos poetas provençais*, diz (página 15):

"As *tensons* eram discussões de amor que se travavam entre os cavaleiros e as damas poetas, que dialogavam sobre alguma bela e sutil questão de amor, e, naquilo em que não podiam concordar, eles as enviavam, para que fossem resolvidas, às damas ilustres presidentes, que mantinham uma corte de amor aberta e plenária em Signe e Pierrefeu, ou em Romanin, ou em outros lugares, e lá pronunciavam sentenças que eram chamadas LOUS ARRESTS D'AMOURS."

Eis os nomes de algumas das damas que presidiam as cortes de amor de Pierrefeu e de Signe:

"Stephanette, dama de Brulx, filha do conde de Provença;

Adalarie, viscondessa de Avinhão;

Alalète, dama de Ongle;

Hermisende, dama de Posquières;

Bertrane, dama de Urgan;

Mabilie, dama de Yères;

A condessa de Dye;

Rostangue, dama de Pierrefeu;

Bertrane, dama de Signe;

Jausserande de Claustal."

NOSTRADAMUS, página 27

É provável que a mesma corte de amor se reunisse ora no castelo de Pierrefeu, ora no de Signe. Essas duas aldeias são muito próximas uma da outra e situam-se mais ou menos à mesma distância de Toulon e de Brignoles.

Em *Vida de Bertrand d'Alamanon*, Nostradamus diz:

"Esse trovador era apaixonado por Phanette ou Estephannette de Romanin, dama do dito lugar, da casa de Gantelmes, que naquele tempo mantinha uma corte de amor aberta e plenária em seu castelo de Romanin, perto da cidade de Saint-Rémy, na Provença, tia de Laurette de Avinhão, da casa de Sado, tão celebrada pelo poeta Petrarca."

No artigo sobre Laurette, lemos que Laurette de Sade, celebrada por Petrarca, vivia em Avinhão por volta de 1341, que foi educada por Phanette de Gantelmes, sua tia, dama de Romanin; que "ambas versejavam com presteza em qualquer espécie de rima provençal; conforme o que escreveu o monge das Isles d'Or, suas obras davam amplo testemunho de seus conhecimentos... É verdade (diz o monge) que Phanette ou Estephannette, por ser excelente na poesia, tinha um furor ou inspiração divina, furor considerado um verdadeiro dom de Deus; elas eram acompanhadas de várias damas ilustres e generosas²³⁰ da Provença, que floresciam naquele tempo em Avinhão, quando a corte romana ali residia, que se dedicavam ao estudo das letras, mantendo uma corte de amor aberta, onde definiam as questões de amor que lhes eram propostas e enviadas...

Guillen e Pierre Balbz e Loys des Lascaris, condes de Vintimille, de Tende e de la Brigue, personagens de grande renome, tendo vindo naquele tempo a Avinhão para visitarem Inocêncio VI, papa, foram ouvir as sentenças e definições de amor pronunciadas por aquelas damas; os quais, maravilhados e admirados com a beleza e o saber das damas, foram surpreendidos por seu amor".

230. "Jehannem, dama de Baulx, Huguerre de Forcarquier, dama de Trectis, Briande d'Agoult, condessa de la Lune, Mabilie de Villeneuve, dama de Vence, Béatrix d'Agoult, dama de Sault, Ysoarde de Roquefueilh, dama de Ansoys, Anne, viscondessa de Tallard, Blanche de Flassans, cognominada Blankafleur, Douce de Moustiers, dama de Clumane, Antonete de Cadener, dama de Lambesc, Magdalène de Sallon, dama do dito lugar, Rixende du Puyvard, dama de Trans." (NOSTRADAMUS, página 217)

Muitas vezes os trovadores davam o nome, ao final de suas *tençons*, das damas que deviam pronunciar-se sobre as questões levantadas entre eles.

Uma sentença da corte das damas de Gasconha diz:

"A corte das damas, reunida na Gasconha, estabeleceu, com a aprovação de *toda a corte*, esta constituição perpétua, etc., etc."

A condessa de Champagne, na sentença 1174, diz:

"Este veredicto, a que chegamos com extrema prudência, apóia-se no parecer de um número muito grande de damas..."

Em outro veredicto, vemos:

"O cavaleiro, pela fraude que lhe fora feita, denunciou todo o caso à condessa de Champagne e pediu humildemente que o delito fosse submetido ao julgamento da condessa de Champagne e das outras damas.

Tendo reunido ao seu redor sessenta damas, a condessa pronunciou esta sentença", etc.

André, o capelão, do qual tiramos estas informações, conta que o código de amor fora publicado por uma corte composta de grande número de damas e de cavaleiros.

André conservou-nos a súplica que fora dirigida à condessa de Champagne quando esta decidiu pela negativa a seguinte questão: *Pode o verdadeiro amor existir entre esposos?*

Mas qual era a pena a que se expunham os que não obedeciam às sentenças das cortes de amor?

Vemos a corte de Gasconha ordenar que uma de suas sentenças seria observada como lei perpétua e que as damas que não lhe obedecessem seriam punidas com a inimizade de toda dama honesta.

Até que ponto a opinião pública sancionava as decisões das cortes de amor?

Havia na época tanta vergonha para quem não as respeitasse quanto a que existe hoje num caso de honra?

Nada encontro em André ou em Nostradamus que me permita resolver esta questão.

Dois trovadores, Simon Doria e Lanfranc Cigalla, levantaram a questão: "Quem é mais digno de ser amado, aquele que dá liberalmente ou aquele que dá contra a vontade, para passar por liberal?"

Esta questão foi submetida à apreciação das damas da corte de amor de Pierrefeu e de Signe, mas os dois trovadores, descontentes com a sentença, recorreram à corte de amor soberana das damas de Romanin¹.

A redação das sentenças é conforme à dos tribunais da época.

Seja qual for a opinião do leitor sobre o grau de importância obtido pelas cortes de amor na atenção dos contemporâneos, peço-lhe que considere quais são hoje, em 1822, os temas de conversação das damas mais consideradas e mais ricas de Toulon e de Marselha.

Não eram elas mais alegres, mais espirituosas, mais felizes em 1174 do que em 1822?

Quase todas as decisões das cortes de amor têm considerandos baseados nas regras do código de amor.

Esse código de amor encontra-se na íntegra no livro de André, o capelão.

Tem trinta e um artigos. Ei-los:

Código do amor do século doze

1

A alegação de casamento não é desculpa legítima contra o amor.

.....
231. Nostradamus, página 131.

II
Quem não sabe ocultar não sabe amar.

III
Ninguém pode entregar-se a dois amores.

IV
O amor sempre pode crescer ou diminuir.

V
Não tem sabor o que um amante toma à força do outro amante.

VI
De ordinário, o macho só ama em plena puberdade.

VII
Prescreve-se a um dos amantes, por ocasião da morte do parceiro, uma viuvez de dois anos.

VIII
Ninguém, sem uma razão mais do que suficiente, deve ser privado de seu direito em amor.

IX
Ninguém poderá amar se não for envolvido pela persuasão de amor (pela esperança de ser amado).

X
Geralmente o amor é expulso de casa pela avareza.

XI
Não convém amar aquela que teríamos vergonha de desejar em casamento.

XII
O verdadeiro amor só deseja as carícias feitas por quem ele ama.

XIII
Amor divulgado raramente dura.

XIV
O êxito fácil demais logo tira o encanto do amor: os obstáculos aumentam-lhe o valor.

XV
Todo aquele que ama empalidece à vista de quem ama.

XVI
Trememos ao ver de modo imprevisto quem amamos.

XVII
Novo amor expulsa o antigo.

XVIII
Só o mérito torna digno de amor.

XIX
O amor que se extingue logo cai e raramente se levanta.

XX
Quem ama é sempre temeroso.

XXI
Pelo verdadeiro ciúme a afeição de amor cresce continuamente.

XXII

Pela suspeita e pelo ciúme que dela deriva cresce a afeição de amor.

XXIII

Menos dorme e menos come quem é assaltado por pensamento de amor.

XXIV

Tudo o que o amante faz termina em pensar em quem ama.

XXV

O verdadeiro amor só acha bom o que sabe agradar à pessoa amada.

XXVI

O amor nada pode recusar ao amor.

XXVII

O amante não pode saciar-se do gozo de quem ama.

XXVIII

Uma débil presunção faz com que o amante suspeite de coisas sinistras na pessoa amada.

XXIX

O muito excessivo hábito dos prazeres impede o nascimento do amor.

XXX

Uma pessoa que ama está constante e ininterruptamente ocupada com a imagem do ser amado.

XXXI

Nada impede que uma mulher seja amada por dois homens, e um homem por duas mulheres²³².

Eis o veredicto de um julgamento realizado por uma corte de amor:

232. I. Causa conjugii ab amore non est excusatio recta.
 II. Qui non celat, amare non potest.
 III. Nemo duplici potest amore ligari.
 IV. Semper amorem minui vel crescere constat.
 V. Non est sapidum quod amans ab invito sumit amante.
 VI. Masculus non solet nisi in plena pubertate amare.
 VII. Biennalis viduitas pro amante defuncto superstiti praescribitur amanti.
 VIII. Nemo, sine rationis excessu, suo debet amore privari.
 IX. Amare nemo potest, nisi qui amoris suasionem compellitur.
 X. Amor semper ab avaritia consuevit domicilium exulare.
 XI. Non decet amare quorum pudor est nuptias affectare.
 XII. Verus amans alterius nisi suae coamantis ex affectu non cupit amplexus.
 XIII. Amor raro consuevit durare vulgatus.
 XIV. Facilis perceptio contemptibilem reddit amorem difficilis eum parum facit haberi.
 XV. Omnis consuevit amans in coamantis aspectu pallescere.
 XVI. In repentina coamantis visione, cor tremescit amantis.
 XVII. Novus amor veterem compellit abire.
 XVIII. Probita sola quemcumque dignum facit amore.
 XIX. Si amor minuitur, cito deficit et raro convalescit.
 XX. Amorosus semper est timorosus.
 XXI. Ex vera zelotypla affectus semper crescit amandi.
 XXII. De coamante suspitione percepta zelus interea et affectus crescit amandi.
 XXIII. Minus dormit et edit quem amoris cogitatio vexat.
 XXIV. Quilibet amantis actus in coamantis cogitatione finitur.
 XXV. Verus amans nihil beatum credit, nisi quod cogitat amanti placere.
 XXVI. Amor nihil posset amori denegare.
 XXVII. Amans coamantis solatiis satiare non potest.
 XXVIII. Modica praesumptio cogit amantem de coamante suspicari sinistra.

QUESTÃO: "Pode o verdadeiro amor existir entre pessoas casadas?"

SENTENÇA da condessa de Champagne: "Dizemos e garantimos, pelo teor das presentes, que o amor não pode estender seus direitos sobre duas pessoas casadas. De fato, os amantes tudo dão um ao outro, mútua e gratuitamente, sem serem obrigados por nenhum motivo de necessidade, ao passo que os esposos têm o dever de suportar reciprocamente as suas vontades e de nada recusar um ao outro..."

Que esta sentença, que pronunciamos com extrema prudência e de acordo com o parecer de um grande número de outras damas, seja para vós de uma verdade firme e irrefragável. Assim julgado, no ano de 1174, no terceiro dia das calendas de maio, indicação VII."²³

Notícia sobre André, o capelão

.....
XXIX. Non solet amare quem nimia voluptatis abundantia vexat.
XXX. Verus amans assidua, sine intermissione, coamantis magine detinetur.

XXXI. Unam feminam nihil prohibet a duobus amari, et a duabus mulieribus unum. (Fol. 103)

233. "Utrum inter conjugatus amor possit habere locum?"

"Dicimus enim et stabilito tenore firmamus amorem non posse inter duos jugales suas extendere vires, nam amantes sibi invicem gratis omnia largiuntur, nullius necessitatis ratione cogente; jugales vero mutuis tementur ex debito voluntatibus obedire et in nullo seipsos sibi ad invicem denegare..."

"Hoc igitur nostrum iudicium, cum nimia moderatione prolatum et aliarum quamplurium dominarum consilio roboratum, pro indubitabili vebis sit ac veritate constanti.

"Ab anno M. C. LXXIV, tertio calend. maii, indictione VII." (Fol. 56)

Esse veredicto é conforme à primeira regra do código de amor.

"Causa conjugii non est ab amore excusatio recta."